

A família na formação do indivíduo consciente e autônomo

POR REINALDO MATIAS FLEURI

Muitos pais andam apreensivos, sem saber que atitude assumir em relação a seus filhos, pois estes se mostram, por vezes, distantes e indiferentes.

O importante é descobrir as razões de tamanha distância, não obstante os esforços dos pais para serem democráticos no exercício da autoridade.

Será possível superar essa distância?

Ou será que não há mais condições para se educar os filhos no mundo de hoje?

A distância entre pais e filhos, à primeira vista, está na idade. Os pais são adultos, já formados, com um modo de vida determinado, opções realizadas, costumes e atitudes já definidos. Mas os filhos, ainda crianças ou adolescentes, são seres em formação, com a ânsia de se afirmarem e de descobrir o mundo, diante do qual, muitas vezes, encontram-se inseguros. No entanto, mais do que a idade, é o tipo de formação que distancia os pais dos filhos, os adultos das crianças.

O contexto em que os adultos se formaram vai tornando-se rapidamente "atrasado" em relação ao mundo em que as crianças hoje estão desenvolvendo-se. É um mundo cada vez mais diversificado e veloz. Os 25 ou 30 anos que se passaram para os adultos equivalem, em medidas de outrora, a 50, 60 ou até 100 anos. Atualmente, a humanidade progride com grande velocidade, e as crianças assumem padrões e valores de hoje, não os de 20 anos atrás.

A mentalidade dos filhos é diferente da dos pais, não só por causa da influência dos meios de informação, hoje muito mais eficientes e desenvolvidos do que em outros tempos, mas, principalmente, porque a própria estrutura da sociedade e da família mudou. Antes, predominava a família patriarcal,



Cipriani

em que o pai exercia um controle absoluto sobre o grupo familiar. O modelo era a família do proprietário da fazenda, a cuja autoridade submetiam-se não apenas sua esposa e filhos, como também as outras famílias que viviam em suas propriedades ou trabalhavam para ele. Este tipo de família só era possível numa sociedade eminentemente rural e agrícola.

Com a criação das indústrias, que se concentram nas cidades, as pessoas começaram a deixar os campos para ir trabalhar e morar



nos centros urbanos. A partir de então, os grupos familiares foram esfacelando-se; os parentes, distanciando-se, de modo a dar origem a um tipo de família que os sociólogos chamam de "nuclear", porque se limita a um núcleo, constituído somente pelos pais e poucos filhos. Cada membro desta família goza de uma autoridade crescente. Isto deve-se ao fato de, muitas vezes, os pais trabalharem fora. Os filhos, bem cedo, entram em contato com outros ambientes e com grande número de informa-

ções, que lhes chegam através de todos os meios de comunicação. O mundo da criança ultrapassa logo os limites de sua casa, e ela ganha uma autonomia e liberdade bem maior do que era possível em épocas passadas.

"Outro dia — diz uma senhora — meu filho de 6 anos, Pedrinho, estava comigo na loja. De repente, tendo notado um tubinho de cola, perguntou ao balconista:

— Quanto custa?

— Dez cruzeiros e cinquenta centavos.

E Pedrinho, tirando o dinheiro do bolso, tranqüilamente disse:

— Então quero um — com a liberdade que eu jamais sonharia em meus tempos.

Quando eu era menina — continua a mãe — para sair sozinha tinha que demonstrar certa maturidade. Mas agora meus filhos, antes mesmo dos 6 anos, já vão sozinhos fazer compras, sabem atravessar as ruas e ser independentes.

Em muitos momentos, senti-me despreparada diante deles, senti-

me de tal modo diferente, ao ponto de ter medo de não poder manter um diálogo, um relacionamento contínuo com eles."

DESENVOLVIMENTO DE UM INDIVÍDUO AUTÔNOMO E EQUILIBRADO

A educação dos filhos torna-se uma tarefa cada vez mais difícil e é freqüentemente colocada em questão. Os padrões de comportamento dos pais, que se formaram em um contexto diferente do atual, dificilmente são aceitos pelas novas gerações. Isto porque a criança e o adolescente recebem uma infinidade de estímulos e informações através da TV, cinema, escola, grupos de amigos... que têm uma influência muito grande na sua formação.

Por essa razão, pretender circunscrever a educação dos filhos dentro dos limites da própria família, ou querer controlar suas atitudes e comportamentos, pode resultar — na melhor das hipóteses — numa tentativa inútil. Além do mais, impor autoritariamente aos filhos um determinado modo de ser não significa, propriamente, educar. Tal atitude — além de não ajudar — pode até prejudicar o desenvolvimento da personalidade da criança. Educar, ao contrário, implica oferecer condições para que a criança vá aprendendo a conhecer, analisar e assumir, de maneira autônoma, as situações e os próprios atos.

Os pedagogos mostram que a condição fundamental para o desenvolvimento autônomo e equilibrado da personalidade humana é o relacionamento, o diálogo. "Ele representa — declarou o ex-diretor de clínicas filantrópicas de medicina psicossomática, Luiz Vasquez, no 15.º Congresso Nacional de Escolas de Pais — a satisfação de uma das necessidades mais humanas e um dos modos mais agradáveis para se obter um desenvolvimento pessoal compatível com as exigências da atualidade. Sem a devida valorização do diálogo, a família, lamentavelmente, perde uma das suas funções mais preciosas."

O ambiente familiar tornou-se o



Sândi

Em nossos tempos, a criança entra mais cedo para o mundo dos adultos, participa dos seus problemas e adquire bem antes a capacidade de autodecisão.

único lugar, na sociedade de hoje, onde os indivíduos podem ser conhecidos e amados como pessoas. Em quase todos os setores da sociedade, o anonimato impõe-se como norma e até como condição para a segurança pessoal. Além disso, a sociedade cria situações que "boicotam" continuamente o diálogo também no interior da família, como seja: o afastamento prolongado do lar, imposto pelas atividades de trabalho, de lazer, de educação; o silêncio e a passividade que a TV impõem aos membros da família nos poucos momentos em que se encontram juntos; a ação alienante da propaganda. Estes são alguns elementos responsáveis pela divisão da família, que a fazem entrar em crise e desagregar-se justamente quando seus membros se acomodam e sucumbem às investidas destes fatores sociais alienantes.

Se, no entanto, o grupo familiar quiser manter-se unido e cumprir sua função educativa de modo satisfatório, precisa reagir decidida-

mente. E os especialistas demonstram que a condição fundamental para se manter a coesão familiar é o cultivo de um relacionamento generoso e aberto entre seus membros. Neste sentido, torna-se indispensável criar e desenvolver as condições que possibilitem e estimulem o diálogo em família.

CONDIÇÕES PARA O DIÁLOGO

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, em seu artigo 25, diz que "Todo homem tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e à sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e serviços sociais indispensáveis..."

No fundo, a satisfação destas necessidades é condição para que toda família possa viver unida. Do contrário, como poderia uma família desenvolver um relacionamento estável entre seus membros se não tiver casa para morar, alimentação adequada, possibilidades de lazer, de escolaridade, de assistência

médica? Compete aos representantes do povo no governo organizar e providenciar os serviços para atender a essas necessidades. E, para garantir tal atendimento, todas as famílias precisam desenvolver sua participação política, tornando presentes as suas exigências, propondo os meios para que sejam atendidas e forçando decisões que beneficiem realmente a todos.

Entretanto, mesmo sendo estritamente indispensáveis, as condições materiais, por si só, não são suficientes para que se estabeleça o diálogo na família. O surgimento desse tipo de relacionamento depende de certas atitudes e opções, que só podem partir de cada indivíduo. O diálogo, com efeito, surge quando as pessoas se encontram com o intuito de compreender e buscar soluções para problemas comuns. E isto pressupõe a decisão de se abrir ao outro e uma certa disposição para compreender os problemas da sociedade em que se vive.

Para Paulo Freire, "não há diálogo se não há um profundo amor ao mundo e aos homens". E se o amor — como quer Freire — é uma condição para que se estabeleça o diálogo num contexto educacional ou político, com maior razão, no contexto familiar.

Luiz Vasquez faz notar que uma das maiores dificuldades para se estabelecer o diálogo entre pais e filhos é a forma autoritária e egocêntrica de comportamento dos pais. Eles impõem-se aos filhos com ordens e ameaças, sufocam sua personalidade com julgamentos, apelidos, ironias, ofensas e enganos sutis. O amor, ao contrário, implica reconhecimento da liberdade do outro, respeito às suas iniciativas e sentimentos. Numa palavra, amar significa criar condições para que o outro se torne sujeito e não apenas objeto da própria educação.

"Quantas vezes — diz Ana Maria Zanzucchi, em seu livro *A arte de ser mãe* — eu me irrito com meus filhos, dizendo-lhes: não 'me' sujem o chão, não 'me' estraguem os

cadernos!... Talvez eu reaja deste modo por achar que sou responsável não só pelas pessoas que vivem em casa, mas também pelas coisas. No entanto, nem pessoas, nem coisas são propriedade minha! Confesso que o obstáculo — talvez o maior — que encontrei na educação dos filhos foi justamente o meu 'eu'. E se me imponho a eles, com tom de voz autoritário, é claro que, às vezes, se rebelam contra meu 'eu'!"

ATITUDES INDISPENSÁVEIS NO EXERCÍCIO DA AUTORIDADE

Paulo Freire, numa de suas obras, mostra que o amor se alimenta pelas atitudes de humildade e confiança no outro. A *humildade*, freqüentemente confundida com a submissão e a passividade, é, no entanto, uma atitude profundamente humana. Ser humilde é ter consciência não somente dos próprios limites e dos próprios valores, mas é saber que se tem necessidade dos outros para se realizar. Para os pais, isso se traduz na consciência de que "precisam" dos filhos para se realizar como pessoa e que têm muito a aprender com eles. De fato, nas exigências e expectativas que eles manifestam é que os adultos podem descobrir como deverá ser a sociedade de amanhã, para cuja construção podem trabalhar hoje.

A humildade dos pais suscita, portanto, a crença e a confiança nas potencialidades dos filhos. E estes, sentindo-se aceitos, têm estímulo para agir e criar. Ao fazer gradativamente suas realizações, adquirem confiança em si mesmos e desenvolvem personalidade própria. Deste modo, os filhos vão tornando-se, cada vez mais, amigos e companheiros dos pais.

Neste relacionamento de diálogo, Paulo Freire faz notar ainda que são essenciais duas outras atitudes: a de *serviço* e *testemunho*. Colocar-se a "serviço" dos filhos não significa apenas proporcionar-lhes certas condições materiais de subsistência. Significa, antes de tudo, ser disponível para acolher e incentivar todas as manifestações

de sua personalidade. Deste modo, a forma mais elevada de serviço é o "testemunho", pelo qual alguém assume, por primeiro, a atitude de amor e age em consequência. Estes atos se constituem num convite para que o outro assumam, por iniciativa própria, um empenho no mesmo sentido. De resto — observa ainda Freire —, o testemunho é a base para o exercício da autoridade e da liberdade, sem cair no autoritarismo ou na permissividade.

FAMÍLIA E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Há um obstáculo que se coloca ao diálogo e ao desenvolvimento daquelas atitudes de amor, humildade, confiança, serviço e testemunho em que se baseia o autêntico relacionamento familiar. É o modo como a sociedade interfere na família. Com efeito, a organização da cidade e do país, o sistema de comércio e, principalmente, a maneira como são utilizados os meios de comunicação, introjetam na família determinado modelo de autoridade, que tende a ser opressivo.

Entretanto, para o sociólogo Jorge Capanini, há diferenças básicas entre a autoridade na família e a que se exerce na sociedade. Nesta, por exemplo, a autoridade é necessariamente impessoal e anônima, ao passo que, na família, é direta e personalizada. Enquanto na sociedade, a autoridade é permanente, na família, termina quando os filhos chegam à idade adulta. Estas diferenças básicas — segundo o sociólogo — abrem à família a possibilidade de não reproduzir automaticamente as relações opressivas de poder, existentes na sociedade. Ela pode tornar-se "um lugar de elaboração de uma consciência crítica mais madura", ou — como diz Horkheimer — ser "a premissa de uma convivência humana melhor". Deste modo, quando as famílias conseguem estabelecer, em seu seio, um sólido relacionamento de diálogo, elas tornam-se um poderoso agente de transformação social. □